



**mojo**  
BOOKS

**panic at  
the disco**

**A FEVER YOU CAN'T SWEAT OUT**

Recontado por  
**JOÃO BALDI JR.**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

Panic! at the Disco  
**A FEVER YOU CAN'T SWEAT OUT**  
recontado por  
**JOÃO BALDI JR.**

---

DEZEMBRO DE 2008  
VOLUME 86

**MOJO**  
BOOKS

---

# PANIC! AT THE DISCO A FEVER YOU CAN'T SWEAT OUT

recontado por  
**JOÃO BALDI JR.**

---

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**  
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**  
REVISÃO: **DANILO CORCI**  
CAPA DESTA EDIÇÃO: **MOJO FACTORY**



---

**PANIC! AT THE DISCO**  
**A FEVER YOU CAN'T SWEAT OUT**

LANÇAMENTO: **2005**  
SELO: **DECAYDANCE**

---

**PLAYLIST ORIGINAL**  
**DO ÁLBUM**

- 1.** Introduction
- 2.** The only difference between martyrdom and suicide is press coverage
- 3.** London beckoned songs about money written by machines
- 4.** Nails for breakfast, tacks for snacks
- 5.** Camisado
- 6.** Time to dance
- 7.** Lying is the most fun a girl can have without taking her clothes off
- 8.** Intermission
- 9.** But it's better if you do
- 10.** I write sins not tragedies
- 11.** I Constantly thank God for Esteban
- 12.** There's a good reason these tables are numbered honey, you just haven't thought of it yet
- 13.** Build God, then we'll talk



**A FEVER YOU CAN'T SWEAT OUT**

Adolfo olhou na sua gaveta e não estava lá. Procurou nos bolsos das calças, camisas e casacos. Nada. Seguindo a ordem natural dos eventos, entrou em paranóia. “Onde foi parar essa porcaria de nariz?”. Andou pela casa, não perguntando, apenas sondando, fingindo que ia pegar algo na geladeira ou procurar um livro na estante. Se algum deles tivesse encontrado o nariz de palhaço, com certeza alguma piada seria lançada em média ou curta distância, esperando um momento de distração em que ele estivesse concentrado em outra coisa.

Talvez, numa casa normal, as pessoas apenas dissessem: “Nossa, que coisa engraçada. Achei um nariz de palhaço!”. Mas em sua casa isso não faria sentido. Afinal, como eles tinham “senso de humor”, o procedimento seria guardar o achado, esperar várias horas até confirmar quem era o proprietário e, assim que ele estivesse concentrado em outra ação que não procurar o nariz vermelho de plástico, a pessoa surgiria pelas costas dizendo algo como “Procurando isso?”. Diante da cara atônita da vítima, o ritual seria seguido por vários trocadilhos infames e piadas que deixariam até mesmo um animador de asilos com sono.

O problema não eram exatamente as piadas. OK, piadas, mesmo as

totalmente sem graça, podem ser aceitáveis, pensou Adolfo. O problema é: por quanto tempo eles serão capazes de prolongar a vida de uma piada, saboreando cada pequeno grama de humilhação de cada pequena situação, como tinham feito com ele desde pequeno? E como, claro, ele tinha aprendido a fazer com cada um dos irmãos mais novos. Mas não era por mal, afinal, todos tinham senso de humor.

Como no dia da festa junina, o dia em que ele tinha sido o padre. Claro, festas juninas são eventos bizarros nos quais crianças participam sob coação remontando os hábitos das pessoas do campo, tentando mostrar que todos vocês bastardos que têm energia elétrica devem dar graças aos céus pelo menos vinte vezes ao dia. Em suma, uma idéia ruim, mas do tipo que você pode aceitar se não pensar muito e fazer tudo com uma certa cara de “Ei, é assim que as coisas são. Vamos fazer isso logo e cair fora”.

E é isso que todos os pais fazem. Vestem seus filhos de forma ridícula, deixam que sejam humilhados e pensem em como é bom morar num apartamento respirando ar com cheiro de carburador todos os dias. No final da noite todos voltam ao normal e o que sobra são apenas fotos vergonhosas que daqui vinte anos sua mãe vai mostrar pra alguém e você vai repelir com um “Não é hora pra isso, mamãe!” Caso, é claro, sua família não tenha senso de humor.

Já iam quatorze anos desde a festa e até hoje seu pai avisava pra tomar cuidado pra não vestir uma saia por engano quando o via trocando de roupa.



Quatorze anos da mesma piada com pequenas variações, vindas de todos os lados, até mesmo a irmã pequena, de quem ele destruiu três Barbies por vingança. Mas não era apenas a história da saia. Era tudo. O dente que caiu, o tombo na escada, os patins que ele nunca usou, a ex-namorada chamada “Paris”, o banho de Campari nas bodas da avó, toda e qualquer pequena vergonha que ele tivesse passado era devidamente anotada e guardada para referência futura, através de uma piada idiota. Numa vida normal vinte anos era tempo o bastante para que existisse um arsenal incalculável de pequenas vergonhas que eles poderiam usar quando menos se esperasse, tornando seus dias um plantão 24 horas para escapar ou responder a tentativas fracassadas de humor rasteiro.

E se aquilo tudo era um arsenal, um nariz de palhaço seria algo como uma bomba atômica nas mãos de um vilão de James Bond. Só faltava que alguém da família arranjasse um nome como Octopussy (quem pensava nesses nomes realmente recebia pra isso?) ou Dr. No e a festa seria completa. Só de pensar em todas as coisas que seu pai poderia dizer, com ou sem um novo nome de vilão, o estômago dele já embrulhava. Sentou-se numa cadeira na sala e ficou esperando. Faltavam poucos minutos pra hora da festa, mas esse tipo de sofrimento e auto-indulgência era divertido quando tudo mais parecia ser uma merda. O celular tocou.

Existe um tipo de jogo mental chamado “fazer a pessoa mentir mesmo sabendo qual é a verdade apenas pelo prazer de ver a cara que ela vai fazer

quando for descoberta”. Segundo as recomendações do Tratado de Genebra, é o tipo de coisa que deveria ser usada apenas por policiais e promotores tentando fazer com que bandidos perigosos metam os pés pelas mãos e sejam condenados, mas é claro que não é assim que as coisas funcionam, e esse se tornou um dos jogos favoritos de todos os pequenos sádicos do mundo. E Leandro era um deles. Quer dizer, na verdade Leandro não era exatamente sádico, já que após anos de convívio, Adolfo tinha concluído que a melhor definição para Leandro, aquela que esgotava todas as outras era “uma pessoa capaz de raspar sua cabeça enquanto você dorme na véspera do seu casamento”. Não que ele tenha feito isso com alguém, mas isso exemplificava um cara como o Leandro. Agora, vamos a uma rápida demonstração de “fazer a pessoa mentir mesmo sabendo qual é a verdade apenas pelo prazer de ver a cara que ela vai fazer quando for descoberta”:

— E aí, Adolfo? Tá pronto?

— Hã... tô pronto sim...

— Tudo acertado? Eu tô com a sua roupa aqui, a maquiagem o Beto tá levando. Você só precisa levar o nariz. Tá com ele aí?

— Humm... tô... tá aqui...

— Tá com ele na mão? Porque não vai dar tempo de arrumar outro, você sabe...

— Tô sim, pode deixar.

Pronto, o peixe estava fígado.

— Tá porra nenhuma, seu mentiroso! Eu tô com ele aqui, você deixou comigo! Seu mentiroso de merda!

Nesse momento ele viu de relance a verdade de que sempre que mentia pra não parecer idiota e acabava parecendo mais idiota ainda. Mas se não mentisse, teria parecido idiota do mesmo jeito e questões de intensidade de idiotice não faziam muito seu tipo.

— Dá... (Resultado de seis meses de aulas de russo: a capacidade de pronunciar da forma errada a palavra “sim”)

— Dá pra você também, camarada. Então em dez minutos te pego aí no palhaçomóvel e nós vamos pra festa, seu palhaço!

Leandro desligou e ele podia jurar que o tema do seriado antigo do Batman tocava ao fundo enquanto ele imaginava de onde a idéia de um “palhaçomóvel” tinha saído.

\*\*\*

— Vai sair, meu amor?

— Ééééé...

A vida dele havia melhorado bastante desde o dia em que ele descobriu que para boa parte das pessoas uma resposta monossilábica prolongada tem praticamente o mesmo significado que uma resposta de verdade e ainda poupava tempo pra ambas as partes.

— Trabalho de garçom outra vez?  
— Ahammmmm.  
— Você tem sorte de achar essas festas que acontecem cedo, não é filho?

- Siiiiim.
- Até mais então, e se cuide.
- Tchau, mãe.

A duas ruas de casa o palhaçomóvel esperava, dominando o campo de visão como uma fusão doentia de uma Caravan antiga com alguma fantasia sexual pervertida de um fã de Ronald Mcdonald.

\*\*\*

Sentou no banco de trás. Na frente, Leandro e Beto fumavam e algum CD de hip hop tocava alto enquanto eles faziam o típico movimento de ir com o corpo pra trás e pra frente no ritmo da música, dirigindo devagar como se alguma mulher pudesse se interessar pela visão aberrante de um mágico, um palhaço e um cara só de cuecas dentro de uma Caravan vermelha velha.

O hábito de trocar de roupa dentro do carro surgira da impossibilidade de vestir a fantasia em casa, somado ao terror absurdo de ser contratado para a festa do parente de algum amigo e ser reconhecido. E temperada

com a certeza de que se tentasse trocar de roupa na casa do Leandro teria as roupas “civis” pintadas de azul ou jogadas no lixo. Então havia sempre o ritual de trocar e se maquiar no banco de trás do carro, o que já seria complicado com uma roupa normal mas se tornava absolutamente torturante com sapatos enormes, calças bufantes, suspensórios e coisas do tipo. Mas a melhor parte era realmente tentar se maquiar usando o espelho do carro enquanto Leandro buscava todos os quebra-molas e buracos da pista, mesmo que precisasse ir até outro bairro pra achar algum, e transformava Adolfo no palhaço “Parkinson”.

— Dolfo, hoje a festa é das boas, cara! Além do dinheiro e da comida parece que vai rolar até uma garrafa de uísque pra cada um. O problema é que, você sabe, crianças ricas sabem ser escrotas”

Beto era um cara legal. Ou nem tanto. Tirava a primeira letra ou sílaba do nome de todas as pessoas, fora preso por agressão umas cinco vezes, sempre contra pessoas desconhecidas e sem nenhuma razão, e estava prestes a se formar em medicina com vinte e três anos. E claro, odiava crianças. Por trás da maquiagem era fácil ver que ele estava sempre a ponto de espancar alguma moleque e cortar os corpos em fatias pra algum trabalho de anatomia. Provavelmente seria um grande pediatra até o dia em que matasse um garoto que se recusasse a tomar uma injeção: uma prova de que ninguém exigia uma avaliação psicológica antes de contratar um palhaço.

Tentou olhar pra frente e ver por qual bairro estava passando, mas

a gaiola do coelho e a cartola atrapalhavam a visão. Leandro realmente levava a idéia de ser mágico à sério, mesmo que fosse tão mágico quanto os outros dois eram palhaços.

Antes havia Liane, que tampouco era assistente, mas não tinha mais aparecido depois da armação do Leandro na festa do clube em outubro.

Ela fora junto com o Leandro, seu namorado, organizar a maior festa pra qual eles já tinham sido contratados: dia das crianças num clube. Ele tinha quase desistido quando soube, afinal, quanto mais gente mais chances de ser reconhecido, mas a grana falou mais alto. Deixou Leandro, que era o cérebro da operação e obviamente roubava todos eles, organizar as coisas. Chegando lá, um velho, presidente ou vice do clube, estava acertando tudo e deu umas cantadas na Liane, aquela coisa de “estou tão velho que posso dizer qualquer merda e forçar as pessoas a me aturar porque não se pode dar porrada num senhor idoso”. A besteira de sempre. Liane ficou sem graça, mas tudo bem, assunto resolvido, a grana era boa, o velho tinha mais o que fazer também. Todos felizes. No dia da festa, o Leandro disse que ia fazer o truque da caixa. Desaparecimento. Adolfo achou que ia dar errado, afinal, o cara mal sabia fazer aquelas coisas idiotas com cartas e coelhos e agora queria sumir com uma pessoa inteira? Aquilo exigia mais estrutura do que eles tinham, mas ele que se virasse.

E tudo foi muito bem até a hora em que, de baixo do palco, depois de desaparecer, a Liane sai com as roupas rasgadas, gritando, seguida pelo velho

só de cuecas. Pais chocados, crianças dopadas com açúcar e incapazes de se manter no mundo real, riam. Adolfo e Beto ficaram estáticos. Leandro olhava com cara de “nossa, que coisa!”. Liane sumiu ali mesmo, saiu correndo, uma coisa meio Forrest Gump e nunca mais atendeu aos telefonemas de Adolfo e Beto. O que deu pra entender é que o Leandro tinha combinado com o velho que por 500 reais ele podia comer a Liane debaixo do palco durante o show, mas se esqueceu de explicar à garota esse seu conceito de comércio onde ela era a mercadoria. Era sem dúvidas um filho da puta. A pessoa perfeita para o *show business*.

Porta da casa. Ótimo. Casa grande, mas poucas pessoas estavam lá dentro, o tipo da festa tranqüila, e Deus sabia que ele merecia uma festa tranqüila pelo menos uma vez na vida, se possível com crianças bem pequenas e que nunca tivessem visto filmes do Stephen King com palhaços assassinos. Todos saíram do carro, menos Beto. Beto olhava espantado para uma garota de mãos dadas com um cara, uma morena baixinha, do tipo mignon, do tipo que nunca olharia para um maluco como o Beto. Era um maluco legal, mas era sem dúvida um maluco. Beto balbuciou “Aline...”. Adolfo vasculhou em seus arquivos mentais e sua primeira frase foi “Ah, merda...”. De todas as festas infantis, em todos os bairros, de todas as cidades do mundo, eles tinham sido contratados pra animar uma festa onde estava a ex-namorada por quem o Beto mantinha um amor patológico. Podia-se cancelar a idéia de uma festa tranqüila.

\*\*\*

Adolfo realmente gostava de crianças. Ele não conseguia achar nenhuma explicação racional pra isso, mas se sentia bem perto de crianças. Claro que não comentava com ninguém, pra não ser tratado como maníaco pedófilo, mas realmente adorava olhar crianças, ver o jeito como brincavam, a forma como conversavam, era o tipo de coisa que o deixava tranqüilo. Eram pequenos adultos que não fumavam, não bebiam, não faziam sexo pra se arrepender depois, não pediam empréstimos que não podiam pagar, não vendiam as namoradas... essas coisas que você aprende a fazer depois dos dezesseis. Muito do trabalho de palhaço vinha, fora da grana, disso, do bem que fazia pra ele fazer crianças rirem. Mas ele não contaria uma merda dessas com ninguém, nunca.

Beto ficava o tempo todo olhando pra garota. O tipo de coisa que deixaria qualquer pessoa assustada, claro, afinal, era um palhaço contratado pra festa secando descaradamente uma das convidadas com um olhar que, num homem “normal” soaria psicótico, mas num cara fantasiado de palhaço devia soar como um episódio ruim dos “Contos da Cripta”. E quem tinha que ficar vigiando? Adolfo, claro. Leandro tinha feito o número dele (que quando eles começaram durava quarenta minutos, passou para vinte e hoje durava no máximo dez. Isso porque ele gastava a maior parte do tempo falando sobre como o número era legal.) e depois tinha sumido. E



quem ia querer procurar?

Deixou Beto remoendo suas psicoses enquanto fazia balões de bichinhos e saiu pra fumar do lado de fora do salão de festas. Um leve silêncio, ainda que com um resquício de músicas infantis ao fundo. Incrível como qualquer criança era bem mais esperta que um compositor daquela tipo de música, fazia até parecer que as crianças pediam aqueles CDs pros pais por piedade, tristes por não conseguirem imaginar de que outra forma adultos tão imbecis poderiam se sustentar. Mas isso devia valer pros palhaços também, afinal, a graça morava no fato de que eles eram adultos se portando como crianças, e as crianças deviam ter era pena daqueles grandões idiotas fantasiados. “Crianças realmente são legais”, pensou Adolfo.

Sentou na quina entre duas paredes, tirou um maço de cigarros do bolso (“a grande vantagem das roupas de palhaço são os bolsos”, frase clássica do Beto) e acendeu com um fósforo. Era idiota, mas ele não conseguia usar isqueiros, não sabia por que. Alguma coisa sempre dava errada, fosse com os que funcionavam com pedras ou aqueles de apenas apertar um botão, tinha sempre alguma coisa que não funcionava. Pelo menos, ele pensava, alguém estava mantendo acesa a chama do velho faroeste. E dos velhos trocadilhos.

Pensou se era uma boa hora pra ligar pra Bárbara. E riu porque uma das grandes coisas na Bárbara, que fazia ela ser interessante como era, vinha de que era sempre uma boa hora pra ligar pra ela. Fossem duas da manhã ou

duas da tarde, ela sempre atenderia com aquela voz macia e você podia ter certeza que ela estava sorrindo do outro lado. Claro, na maioria das vezes você ia ouvir algo como “Puxa, não posso falar contigo agora” ou “Não tem como você ligar depois?”, mas ela conseguia dizer aquilo de um jeito que fazia parecer que ela realmente adoraria falar com você por horas e horas, mas não podia porque uma coisa absurdamente importante exigia a atenção dela, e ela ficava muito triste pelo fato das coisas serem assim.

Boa parte do charme dela vinha disso: ela conseguia te falar não de um jeito que fazia parecer que ela queria dizer sim. O outro atrativo é que ela era a única pessoa no mundo (além do Leandro, do Beto e da Liane) que sabia que ele trabalhava como palhaço, e tinha reagido de uma forma tão natural que o fez pensar se ela tinha sido criada num circo. Tinham se conhecido na festa do primo pequeno dela, trocado telefones, mais por hábito, e ele tinha, num dia de porre, decidido telefonar. Depois disso tinham saído duas vezes, transado duas vezes e ele tinha, pra enorme surpresa dos dois, tido duas das melhores noites da vida dele. Quanto a ela não dava pra ter lá muita certeza.

Mas duas noites em seis meses não formam uma relação, nem pelos padrões mais relaxados, e o fato de sempre topar com ela saindo com outros caras, muitas vezes nas noites em que ela dizia que não podia falar com ele, não ajudava muito. Só que era impossível não gostar dela, do jeito como agia naturalmente quando o encontrava num restaurante depois de dizer

que tinha de ficar em casa com a irmã doente. Ele simplesmente preferia não pensar nisso.

— Alô.

— Ei Babs, como estão as coisas? — ela tinha milhares de apelidos, então ele tinha começado a usar “Babs”, que era idiota demais pra que qualquer outra pessoa usasse.

— Oiiii, bebê! Como vai o meu garoto do nariz vermelho?

— Por aqui tudo bem, tô numa festa...

— Deixando as crianças de lado pra me ligar? Que palhacinho mau que você é!

— É, eu sou um palhaço muito mau...Me chame de It, ok?

— Você e seu problema com Stephen King... - ela ria ao fundo e parecia estar pedindo pra alguém deixar ela em paz que ela queria falar.

Era interessante, porque queria dizer que ela gostava da conversa, mas era ruim porque a voz dizia “Você vem pra minha casa pra falar com outro cara?!”

— Sempre...mas e aí, vamos sair esse final de semana?

— Hummm... Esse final de semana? Tenho um projeto pra apresentar segunda-feira, acho que não vai dar... Mas me liga terça, a gente se fala e marca alguma coisa. Eu adoro sair contigo, mas seu timing pra me chamar é uma droga, sabia?

— Claaaro... A culpa é do meu *timing*... Mas tudo bem, vou ligar pra

próxima da lista...

- Próxima, Don Juan? E qual é a minha colocação na lista?
- Até agora era a número 5, mas depois desse seu projeto, não sei...

Torça pra se manter no Top Ten...

— Ah, que mau você é...Você sabe que está no meu Top 3, não sabe? Só não sobe mais porque não rouba chocolate pra mim nas festas das crianças...

— Vou pensar nisso então, da próxima vez eu te suborno com barras enormes, ok?

— Combinado, aí eu largo todos os meus projetos e viro sua palhaça-assistente!

— Fechado então. Ok, vou desligar. Boa apresentação e até terça.

— Boa festa e até terça. Te adoro, palhacinho! Beijo!

— Também te adoro, Babs. Beijo.

Melhor ficar em casa no final de semana. Seria chato topar com ela em algum lugar, provavelmente com um cara mais velho e mais interessante. Quinta da lista? A lista dele só tinha o nome dela, e até o coelho do Leandro sabia disso, mas seria idiota e cruel fazer com ela o jogo do “estou apaixonado por você e não agüento mais ser só seu amigo”. Isso seria totalmente estúpido. Seria dispensado e depois passaria finais de semana bebendo com o Beto, ou então, se ela dissesse sim, o que era uma chance remota, tudo ficaria mais estranho ainda. Notou que cada vez mais topava com situações

de “perde-perde”. “Essa é a graça de ficar velho?”, pensou.

Viu que ia começar a se sentir mal e foi procurar o Beto. Ver alguém mais ferrado que a gente sempre ajuda em alguma coisa.

\*\*\*

Ninguém tinha visto o outro palhaço na festa por pelo menos meia hora. E Adolfo também não conseguia achar a tal da Aline. Segundo todas as histórias do Beto ela havia chutado o traseiro dele impiedosamente, se mudado do apartamento com todas as coisas dela (e dele também) e ido pra casa de um ex-namorado engenheiro, desses caras que já começam na empresa ganhando cinco dígitos por mês com uma sala só pra eles, plaquinha com nome, um apontador de lápis e uma secretária gordinha que aceita fazer sexo no final do expediente. Em suma, devia ser um cara legal, que deve ter ficado tão feliz com a chegada dela quanto o Beto ficou com o sumiço. “Ela provavelmente é alguma maluca que usa o fim de um relacionamento como pretexto pra roubar CDs e DVDs, igual a ex do meu irmão” imaginou Adolfo, mexendo no nariz vermelho.

Não que o Cláudio não merecesse uma péssima namorada, já que ele deveria ser uma merda de namorado - “é uma merda de irmão”, pensou Adolfo -, mas achava que ele nunca seria um namorado ruim o bastante pra merecer a Drica. “Drica La Bandolera”, como todos passaram a chamar.

Ela tinha uma tática simples: escolher os caras pelos gostos. Livros, músicas, filmes, roupas, etc. Depois se aproxima do cara, namora, arruma uma dessas paixões fulminantes, se muda pra casa do cara. Tudo muito lindo, contas rachadas, cada um com sua cópia da chave e etc. Até que um belo dia ela some com tudo. Um cara até conseguiu pegar o momento exato em que ela descia as escadas com bolsas e bolsas lotadas de coisas dele, mas teve como única reação olhar boquiaberto enquanto ela entrava num táxi e sumia com uma coleção inteira de vinis do Elvis. Deixava roupas, deixava muitas coisas dela, mas sumia com tudo de legal que fosse do cara. E legal mesmo, porque era fato, a maluca tinha bom gosto pras coisas, sumia só com artigos de primeira. Existia aquela leve fixação pelos Sex Pistols, que Adolfo sempre considerou uma bosta, mas tudo muito compreensível. Se o cara for reclamar depois, ela diz que as coisas eram dela, começa a chorar e chama a polícia. A polícia adora garotas choronas e na maior parte das vezes odeia caras barbudos de óculos (o perfil padrão das vítimas).

Então, o que o Beto podia ter feito? Matado a garota? Tentado abusar dela atrás de um arbusto? Atirado brigadeiros nela? Esses pensamentos foram cortados da cabeça de Adolfo pela aparição de uma “Line” toda suja de maquiagem, caindo detrás de uma árvore, seguida, aos risos, pelo Beto. Abracinhos, beijinhos, carinhos, sorrisos ricos em glicose. “Então é assim que se reproduzem os psicopatas. Psicopata encontra psicopata, se veste de palhaço e têm vários psicopatinhas atrás de uma árvore. Lindo.” Bem,

se um palhaço estava transando atrás da árvore e o mágico tinha sumido, quer dizer que podiam estar sentindo falta do outro palhaço. Mas Adolfo não tinha pressa nenhuma.

Caminhou mais um pouco pelo playground do prédio. Fumou mais dois cigarros. Quase ligou de novo pra Bárbara. Quase ligou pra casa. Sempre que ficava parado sentia uma imensa vontade de telefonar pra quem quer que fosse, ainda que não sentisse necessidade de falar nada. Culpa do maldivido celular: você não conseguia se sentir bem sem falar com ninguém sabendo que podia falar com todo mundo. Perto dali, ouviu a voz do Leandro.

- Olha, não conta isso pra ninguém, hein? Vai ficar só entre nós dois, nosso segredinho. Você fez tudo direitinho, o tio adorou, pode ter certeza. Mas lembra, não conta pra ninguém! Se contar o bicho-papão vai vir te pegar!

Ao lado dele uma garotinha de cinco anos terminava de colocar seu vestidinho laranja.

\*\*\*

Sabia que estava recebendo menos do que o combinado, mas não tinha vontade de discutir. Beto e Line iam se agarrando no banco do carona, um no colo do outro, e ele ia sentado atrás, trocando de roupa durante a viagem. Pensou se o engenheiro ia sentir falta da garota quando chegasse em casa e apostou que não. Por alguma razão tirou toda a roupa mas manteve com

o nariz, não na posição certa, mas pendurado no pescoço.

— Tá entregue, Adolfinho. Duas ruas de distância, como sempre. Qualquer coisa pra semana que vem eu te digo, fechado?

Adolfo olhou para Leandro, tentando sondar alguma coisa. Um olhar vacilante, uma piscadinha, uma leve hesitação, algum sinal de que aquele dia tinha sido estranho, de que aquilo que tinha acontecido era anormal, uma besteira, culpa de um porre, alguma coisa assim, e que ele estava minimamente perturbado. Mas não achou nada. Beto continuava tentando engolir a língua da Line. Também sem nenhum sinal de hesitação, mostrando que amor não é tão bonito visto de fora.

— Humm... Ok, me liga. Até mais, pessoal.

Sabia que o Leandro provavelmente ia ligar, e ele provavelmente ia atender e ir a mais uma festa. Pensou no que devia fazer. Pensou em ligar pra Bárbara. Pensou em ligar pros seus pais. Contar qualquer coisa pra eles. Culpa do maldito celular. Ajeitou o nariz de palhaço no lugar certo, procurou a caixa de fósforos no bolso e acendeu mais um cigarro. Voltou pra casa olhando pra baixo.





**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)